

O MUSEU

THE MUSEUM AS
PERFORMANCE

COMO

PERFORMANCE

ESTANIS COMELLA / DARIUS DOLATYARI-DOLATDOUST /
TOBIAS KOCH / XANA NOVAIS / DAVI PONTES & WALLACE FERREIRA /
JOÃO DOS SANTOS MARTINS COM JOANA SÁ, ANA JOTTA & FILIPE PEREIRA /
EVE STANTON / JEFTA VAN DINTHER / KAREL VAN LAERE / VIOLA YIP

O MUSEU COMO PERFORMANCE

E, passou depressa, chegámos à 10.^a edição de O Museu como Performance. Embora desconfiemos da obrigatoriedade de olhar retrospectivamente para tudo aquilo que cumpre aniversários redondos, a verdade é que esta data espoletou uma reflexão que se pode entender como um balanço: até que ponto o museu foi, nestes últimos 10 anos, efetivamente *performance*... até onde soube ou quis ser *performativo*? Este exercício obrigou-nos, para começar, a tentar definir os conceitos de "museu" e de "performance", para rapidamente percebermos até que ponto o seu diálogo, a sua contaminação torna ainda mais difícil (e inútil?) qualquer tentativa de categorização. É que a performance é, por definição, tudo aquilo que escapa a definições, e o museu de arte contemporânea é uma entidade elástica e mutante que de tudo se pode apropriar... que tudo pode enquadrar, apresentar e - diriam os mais críticos - domesticar e institucionalizar.

O que é que a performance traz ao museu, e vice-versa? Traz vida (as artes performativas também são denominadas, não por acaso, de artes vivas), intensidade e energia, para começar. Depois, traz um tipo de colaboração e de multidisciplinaridade que raramente se observa em exposições de artistas visuais. Ao mesmo tempo, a performance interroga o papel do espectador, promovendo a sua autoconsciência e posturas que diferem da habitual passividade do visitante de museus (o que se observa em gestos tão simples como a ocupação do chão, que indicia formas inabituais de habitar o espaço museológico e de nele circular). Em último lugar, talvez porque, como referimos, a performance se baseie, em grande medida, num trabalho colaborativo que aproxima experiências, disciplinas e saberes diversos, ela se traduz frequentemente em trabalhos verdadeiramente especulativos e experimentais, nos quais o processo, e até mesmo a falha, são valorizados em detrimento de um resultado cristalizado - nos antípodas, portanto, daquilo que o termo

performance usualmente significa em contextos desportivos e empresariais.

O museu, quando associado à performance, é conotado com leveza, experimentação, transitoriedade, provisoriedade, improvisação, instabilidade, especulação... Tudo conceitos que lhe permitem ser entendido como uma espécie de laboratório, independentemente de também ser um contentor de modelos mais cristalizados, estáveis, pesados, perenes, afirmados, seguros de apresentação da arte - exposições, nomeadamente. Também permite ao museu beneficiar de uma espécie de atualidade-mesmo-mesmo-atual. Tentemos explicar esta aparente redundância (o museu de arte contemporânea não se dedica, de qualquer forma, a apresentar a atualidade?): é que a performance, pelas características que arrolámos, dedica-se frequentemente a problematizar, mesmo que de forma indireta, aquelas que podem ser entendidas como questões candentes e urgentes do nosso tempo (conceções e limites do humano, uma relação desierarquizada com aquilo que o envolve - natureza, animais -, ligações com a tecnologia, questões de identidade, género, classe e raça, pós-colonialismos, etc.).

E para a performance, quais são os benefícios da sua apresentação em espaços museológicos? Para começar, um apoio e uma visibilidade que não podem ser desvalorizados quando falamos de uma atividade cronicamente associada à precariedade. Depois, uma espécie de inserção no sistema que satisfaz a vontade, por parte de muitos artistas ligados à performance, de se sentirem - e serem efetivamente - uma espécie de vírus que desformata e complexifica o regular funcionamento de instituições.

Digamos que entre o museu e a performance se estabelece uma complexa e tensa relação de simbiose - que, nos meios científicos, é definida como uma "associação a longo prazo entre dois organismos de espécies diferentes, seja essa relação benéfica para ambos os indivíduos envolvidos ou não" - e que, neste caso, o

primeiro funcionaria como o hospedeiro e a performance como simbiote.

Exatamente como nas nove anteriores, também esta edição de O Museu como Performance não se compôs a partir de um tema. Os artistas foram sendo convidados ao sabor dos interesses e das discussões dos três curadores - Cristina Grande, Pedro Rocha e Ricardo Nicolau -, e as suas características comuns foram verificadas ao longo deste processo até à estabilização e encerramento do painel. Primeiro elemento unificador, e que justifica (e perdoa, esperamos) a introdução sobre a importância (mesmo relativa) de aniversários: é notória uma vontade de sublinhar a tríade-mínimo-denominador-comum da performance - vida, presença, energia. Nunca como nesta edição o corpo esteve em tamanho destaque... A presença do corpo, mas também daquilo que ele produz em situações de esforço, desafio, manipulação, perigo: "sangue, suor e lágrimas", apetece dizer! As propostas de Xana Novais (Porto, 1995), Davi Pontes & Wallace Ferreira (Rio de Janeiro, 1990; Rio de Janeiro, 1993), João dos Santos Martins (Santarém, 1989), Jeftha van Dinther (Utrecht, Países Baixos, 1980), Eve Stainton (Manchester, Reino Unido, 1989) e Karel van Laere (Haia, Países Baixos, 1988) colocam o corpo em primeiro plano. No caso dos quatro primeiros, os seus próprios corpos (com objetivos muito distintos, já lá vamos); no caso de Stainton, o seu corpo e os dos performers participantes; e, no caso de Karel van Laere, corpos de voluntários e do público que obedecem a gestos inconscientes, de que não nos damos conta, mas que denunciam protocolos, enquadram e influenciam as interações quotidianas com outros corpos. Sim, em todas estas performances temos corpos, mas as suas presenças propõem experiências muito distintas: Xana Novais atira-se a um exercício extremo de conexão com o seu corpo, submetendo-o a uma batalha onde testa os seus limites, propondo uma espécie de fim de festa dionísíaco e apocalíptico (que pode

ser entendido como muito apropriado aos tempos que vivemos); Davi Pontes & Wallace Martins apresentam dois corpos que, na interação entre eles e com os espectadores, e na relação entre duração e exaustão, repetição e precisão, interrogam poderes e políticas de desejo, colonialistas, raciais; João dos Santos Martins atreve-se a ser um "romântico amador", movimentar-se e cantar na ameaçadora fronteira com o falhanço e a exaustão debilitante; Jeftha van Dinther apresenta corpos que, ao mesmo tempo que se relacionam com a debilidade, a doença, apelam à intensidade de estar vivo: sangue, artérias e coração servem um exercício em que se evoca uma intimidade transdérmica com o sistema de circulação que alimenta tanto o corpo humano como as relações que este mantém com outros corpos, orgânicos e sintéticos; Eve Stainton propõe exercícios para a sustentação de um organismo "pluricorporal" composto de elementos vivos e "inanimados", configurações temporárias resultantes da invenção coletiva, de experiências negociadas em direto, de reciprocidade e de interação.

Como em edições anteriores de O Museu como Performance, optámos por apresentar projetos que envolvam a comunidade artística local (caso de Eve Stainton) ou quaisquer pessoas do Porto que se quisessem associar (caso de Karel van Laere); também apostámos em trabalhos que se ancoram numa interação com as características físicas dos espaços de Serralves em que são apresentados - o caso mais evidente talvez seja o do compositor e artista sonoro Tobias Koch (Basileia, 1986), que tira partido, nas suas performances site-specific, das particularidades acústicas (e arquitetónicas) do foyer do Auditório e do átrio da entrada do museu de Serralves, convocando dimensões espaciais intangíveis, lembrando-nos dessas tantas invisibilidades que nos rodeiam e atravessam: ondas sonoras, campos eletromagnéticos, eletricidade - tal como a performance - entidades transientes, instáveis. *BULBBLE*, da compositora e artista

sonora Viola Yip (Hong Kong, 1987), surge da manipulação das suas vibrações e pulsações com recurso a um instrumento composto de interruptores, botões, moduladores, lâmpadas e outros dispositivos. A performance de Yip é uma improvisação musical e lumínica, uma experiência sinestésica onde se manifesta uma conjugação destas energias. E também Xana Novais convida a corrente elétrica para um encontro radical, aqui com os próprios fluxos e fluídos corporais, com os seus batimentos cardíacos. O “sangue” que alimenta telemóveis, carros, cidades, encontra o sangue que corre e pulsa no corpo da performer, ambos motores de um irreproduzível “aqui e agora”.

Outra característica comum a todas as edições de O Museu como Performance é a apresentação de trabalhos que partem da linguagem, em alguns casos da escrita. É, este ano, o caso das performances propostas por Estanis Comella (Lleida, Espanha, 1985) e Jeftha van Dinther, que recorrem à palavra escrita e dita, e da proposta de Darius Dolatyari-Dolatdoust (Chambéry, França, 1994), em que corpo, voz e linguagem concorrem para operar determinadas metamorfoses. Explicamos melhor: emprestando uma grande importância aos figurinos - verdadeiros coprotagonistas da peça que, nas palavras do artista, configuram uma “paisagem fantasiada” -, e propondo determinadas interações entre eles e os corpos dos performers, o artista esbate a fronteira entre os humanos e aquilo que os rodeia (*BECOME THEM* é o apropriado título da peça). Assinale-se que encontramos, igualmente, esta desconstrução da ideia de figurino no trabalho apresentado por João dos Santos Martins, em que os figurinos concebidos pela artista Ana Jotta (Lisboa, 1946) convocam uma série de referências que ampliam as suas possíveis leituras, enquanto condicionam decisivamente movimentos e propõem micronarrativas. Comum a estas duas propostas é ainda o recurso ao transe e ao ritual, duas ideias que libertam o Homem de uma matriz de pensamento racional e, em grande medida, incorpórea.

A obliteração de uma percepção linear e racional do tempo própria do transe está igualmente presente na repetição rítmica das pisadas que atravessam a performance de Davi Pontes e Wallace Ferreira. Reclamam a coreografia para fora do campo da dança (nomeadamente da sua notação) ou da origem militar que lhe está na origem, para a inscreverem numa dimensão de “autodefesa” que se joga na negociação das tensões (ou mesmo violências) inscritas na presença e no olhar, também centrais no trabalho de Karel van Laere.

Em último lugar, e porque há 10 anos que O Museu como Performance interroga a noção de espetáculo, debrucemo-nos agora sobre a proposta de Eve Stainton, que é um workshop-performance em que, simplificando muito, podemos dizer que o público assiste a ensaios de um espetáculo-que-nunca-será. Interessada nos modos de nos (re)unirmos (ou, seguindo Roland Barthes, de como vivermos em conjunto), Stainton propõe aos participantes descobrirem e ensaiarem formas de se manterem fisicamente ligados. Este workshop, como a maioria dos projetos apresentados em O Museu como Performance, poderia associar aos habituais avisos sobre a faixa etária recomendável, a nudez, ou a presença de imagens potencialmente chocantes, a advertência *Isto não é um espetáculo*. Afinal de contas, e isto é comum a grande parte das propostas apresentadas, quem está a olhar para quem?

Cristina Grande, Pedro Rocha e Ricardo Nicolau

THE MUSEUM AS PERFORMANCE

Time went by very fast, and we are now at edition ten of the Museum as Performance. Although we are suspicious of any mandatory retrospective look at all things whose anniversaries come in even numbers, the truth is that the date nevertheless brought about a reflection: to what extent, in the course of these last ten years, has the museum been actual *performance*... to what extent did the museum know how to be *performative*, to what extent did it want to be *performative*? To begin with, this reflection compelled us to define the concepts of 'museum' and 'performance', leading us to quickly understand how dialogue and contamination make it even harder (and pointless?) to produce any categorization. By definition, performance is that which eludes definitions, and a contemporary art museum is an elastic, mutating entity capable of appropriating anything...capable of framing, presenting and - as its harsher critics would claim - domesticating and institutionalizing everything.

What does performance bring to the museum and vice-versa? It brings it life (performative arts are also called live arts), intensity and energy. Then, it brings the museum a type of collaboration and multidisciplinary approach that are rarely seen in visual arts exhibitions. At the same time, performance questions the role of the spectator, promoting his self-consciousness as well as postures that differ from the habitual passivity of museum goers (which can be seen in gestures as simple as the occupation of the floor, which points to unusual forms of inhabiting the museum space and circulating in it). Finally, because performance is based to a large extent on collaborative work, which brings different experiences, disciplines and forms of knowledge together, perhaps it often translates into truly speculative and experimental works in which the process, and even failure, are valued instead of a crystalized result - the very opposite, therefore, of that

which the term *performance* usually means in sports or corporate contexts. When associated with performance, the museum is lightness, experimentation, transitoriness, temporariness, improvisation, speculation... Concepts that allow it to be seen as a sort of laboratory, while remaining-as a container for more crystalized, stable, heavy, perennial, assertive, secure models of art presentation, such as exhibitions. Performance also allows the museum to benefit, as it were, from a truly updated up-to-dated-ness. Why this apparent redundancy (don't contemporary art museums show us the most updated?): given the aforementioned characteristics, performance often problematizes, even if indirectly, the most pregnant and urgent questions of our time (visions and limitations of the human, a non-hierarchical relationship with its surroundings -nature, animals -, links to technology, issues of identity, gender, class and race, post-colonialism, etc).

And how does performance benefit from being presented in museum spaces? To begin with, it benefits from support and visibility, which cannot be shunned when considering an activity that has chronically been associated with precariousness. Then, there is the desire, by a lot of artists associated with performance to become a sort of contamination of the system, a kind of virus that deranges and complexifies the regular functioning of institutions.

It could be said that between the museum and performance there is a complex and tense symbiosis - scientifically defined as a 'long term association between two members of different species, including both beneficial and detrimental interactions' - in which the former would be the host and the latter the symbiont.

Like in the previous nine editions, this edition of the Museum as Performance does not follow a theme. Artists were invited according to the interests of, and discussions between the three curators - Cristina Grande,

Pedro Rocha and Ricardo Nicolau -, and their common characteristics were verified during the process. A first unifying element, which justifies (and hopefully forgives) the introduction on the importance (even if relative) of anniversaries is a clear will to highlight the triad-minimum-common-denominator of performance - life, presence, energy. Never as in this edition has the body been so highlighted...The presence of the body, but also what it produces in situations of effort, challenge, manipulation, danger: 'blood, sweat and tears' spring to mind. The proposals by Xana Novais (Porto, 1995), Davi Pontes & Wallace Ferreira (Rio de Janeiro, 1990; Rio de Janeiro, 1993), João dos Santos Martins (Santarém, 1989), Jeftha van Dinther (Utrecht, The Netherlands, 1980), Eve Stainton (Manchester, UK, 1989) and Karel van Laere (The Hague, The Netherlands, 1988) bring the body to the fore. In the case of the first four, their own bodies (with very different intentions, as we shall see); in the case of Stainton, their body and those of the performers that work with them; and, in the case of Karel van Laere, the bodies of volunteers and members of the audience, who follow unconscious gestures, which we remain unaware of, but denounce protocols and frame and influence everyday interactions with other bodies. There are bodies in every performance, but their presences propose very different experiences: Xana Novais launches into an extreme exercise of connection to her body, subjecting it to a battle in which she tests its limitations and proposing a sort of Dionysian and apocalyptic ending-of-party (which could be seen as very topical); Davi Pontes & Wallace Martins present two bodies whose interaction with the spectators, and relationship between duration and exhaustion, repetition and precision, questions colonialist and racial powers and politics of desire; João dos Santos Martins dares to be an 'amateur romantic' as he moves and sings at the threatening border with failure and debilitating exhaustion; Jeftha van

Dinther brings two bodies that simultaneously interact with frailty and sickness as they appeal to the intensity of being alive: blood, arteries and heart are at the service of an exercise that evokes transdermic intimacy with the circulatory system that feeds both the human body and its relationships with other organic and synthetic bodies; Eve Stainton proposes exercises to sustain a 'multi-body' organism made of live and 'inanimate' elements by probing temporary configurations resulting from collective invention and directly negotiated experiences of reciprocity and interaction.

Like in previous editions of the Museum as Performance, we chose to feature projects involving the local arts community (the case of Eve Stainton) or any people from Porto who wanted to associate themselves with us (the case of Karel van Laere); we also invested in works anchored in an interaction with the physical characteristics of the Serralves spaces that host them - the case of composer and sound-artist Tobias Koch (Basel, 1986), whose site-specific performances take advantage of the acoustic (and architectural) particularities of the foyer at the Auditorium and at the entrance to the Serralves Museum, drawing on intangible spatial dimensions to remind us of the invisibilities that surround and traverse us: sound waves, electromagnetic fields, electricity - which are, like performance itself, transient, unstable entities. *BULBBLE*, by composer and sound artist Viola Yip (Hong Kong, 1987), emerges from the manipulation of vibrations and pulsations emanating from an instrument made of relays, knobs, modulators, light-bulbs and other devices. Yip's performance is a musical and luminous improvisation, a synaesthetic experience that brings those energies together. Xana Novais also invites electric current into a radical encounter with bodily fluxes and fluids and her heartbeat. The 'blood' that feeds mobile phones, cars, cities, meets with the blood that flows and

pulsates in the performer's body, both engines of an irreplicable 'here and now'. Another characteristic that is common throughout every edition of the Museum as Performance is the presentation of works that are based on language, in some instances on written language. Such is the case, this year, of the performances by Estanis Comella (Lleida, Spain, 1985) and Jefta van Dinther, who resort to the written and spoken word, and by Darius Dolatyari-Dolatdoust (Chambéry, France, 1994), in which body, voice and language come together to operate certain metamorphoses: giving great relevance to the costumes - veritable co-protagonists in the piece, which, for the artist, form a 'fantasized landscape' -, and proposing certain interactions between them and the performers' bodies, the artist blurs the boundaries between humans and their surroundings (*I BECOME THEM* is the fitting title of the piece). This deconstruction of the idea of costume is also found in the work of João dos Santos Martins, in which the costumes designed by artist Ana Jotta (Lisbon, 1946) draw upon a series of references that amplify their possible readings, while also decisively conditioning movements and proposing micro-narratives. These two proposals also share the use of trance and ritual, two ideas that liberate humanity from the matrix of rational, largely incorporeal, thought.

The obliteration of a linear, rational perception of time, a hallmark of trance, is also present in the rhythmic repetition of footsteps in Davi Pontes' and Wallace Ferreira's performance. They push choreography outside the field of dance (namely of its notation) and of the military origin at its source, to inscribe it in a dimension of 'self-defence' that unfolds as a negotiation of the tensions (or even violences) inscribed in presence and in the gaze, also central to Karel van Laere's work.

Finally, and because the Museum as Performance has been questioning the notion of spectacle for the last ten years, we would

like to examine Eve Staiton's proposal, which consists of a workshop-performance where the audience watches rehearsals of a show that will never happen. Keen on investigating our modes of (re)union (or, according to Roland Barthes, our modes of living together), Staiton proposes that participants discover and rehearse ways of remaining physically connected. This workshop, like the majority of the projects featured in the Museum as Performance, could add to the usual recommended age warnings, nudity or potentially shocking images, one more warning: *This is not a show*. After all, and this is common to most featured proposals, who is looking at whom?

Cristina Grande, Pedro Rocha and Ricardo Nicolau

• © Rachelle Sabharwal



DARIUS DOLATYARI-DOLATDOUST

I BECOME THEM

INSTALAÇÃO INSTALLATION

12-13 OUT | 10:00 - 19:00

Galerias do Museu Museum Galleries

I BECOME THEM, 40'

PERFORMANCE

13 OUT | 14:30; 18:30

Galerias do Museu Museum Galleries



• © Lucas Canavaro

DAVI PONTES & WALLACE FERREIRA

*REPERTÓRIO Nº2, 35' **

12 OUT | 19:00

13 OUT | 18:45

Auditório Auditorium

• © Karel van Laere



KAREL VAN LAERE

SLOW,

INSTALAÇÃO INSTALLATION

12-13 OUT | 10:00 - 19:00

Galerias do Museu Museum Galleries

CONTACT, 10'

PERFORMANCE

12 OUT | 15:30; 17:00; 18:45

13 OUT | 15:15; 16:30; 17:45

Biblioteca Library



• © Bruno Simão

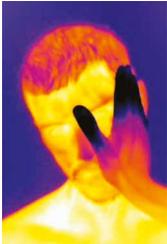
JOÃO DOS SANTOS MARTINS COM/WITH JOANA SÁ, ANA JOTTA & FILIPE PEREIRA

ESTÁ VISTO, 50'

12 OUT | 19:45

Hall do Museu Museum Hall

• © Max Stürmer



JEFTA VAN DINTHER

*DARK FIELD ANALYSIS, 60' **

12 OUT | 15:45

13 OUT | 16:45

Auditório Auditorium



• © Mário J. Negro

XANA NOVAIS

#ELECTRA VAI AO

*#TECHNO, 120' ***

12 OUT | 22:00

Garagem do Museu

Museum's Car Parking

Classificação etária M/18



ESTANIS COMELLA

SXT-COURTYARD ROSEBUSH, 40'

12 OUT | 17:15

Galerias do Museu Museum Galleries



• © Anne Tezloff

EVE STANTON

WAYS TO MEET, WAYS TO COME APART, 90'

13 OUT | 15:00

Galerias do Museu Museum Galleries



• © Giacomo Gianfelli

TOBIAS KOCH

ROOM SERVICE, 40'

12 OUT | 18:00

Foyer do Auditório Auditorium Foyer

13 OUT | 18:00

Hall do Museu Museum Hall



• © Gerard Kühne

VIOLA YIP

*BULBBLE, 20' ****

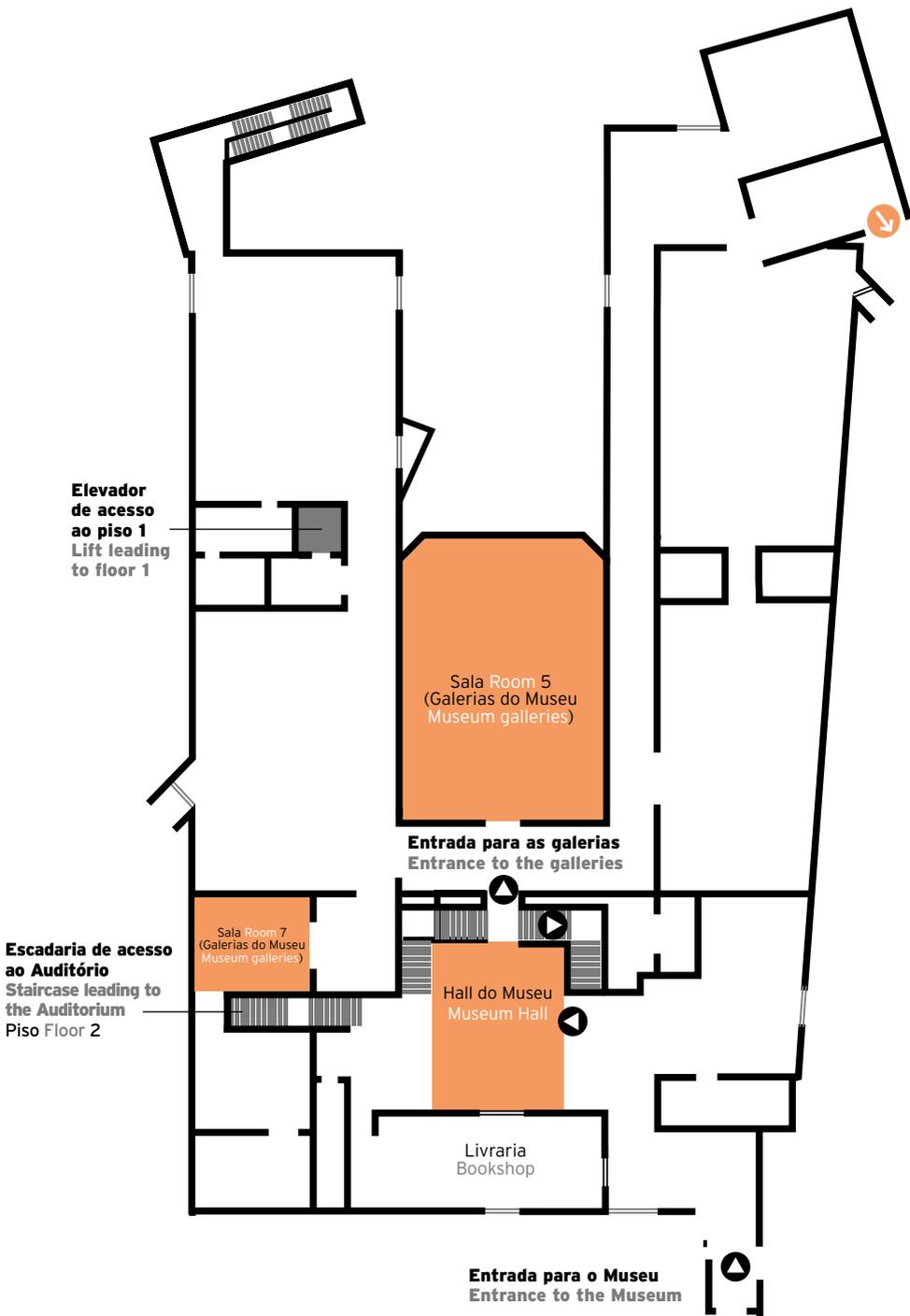
13 OUT | 19:30

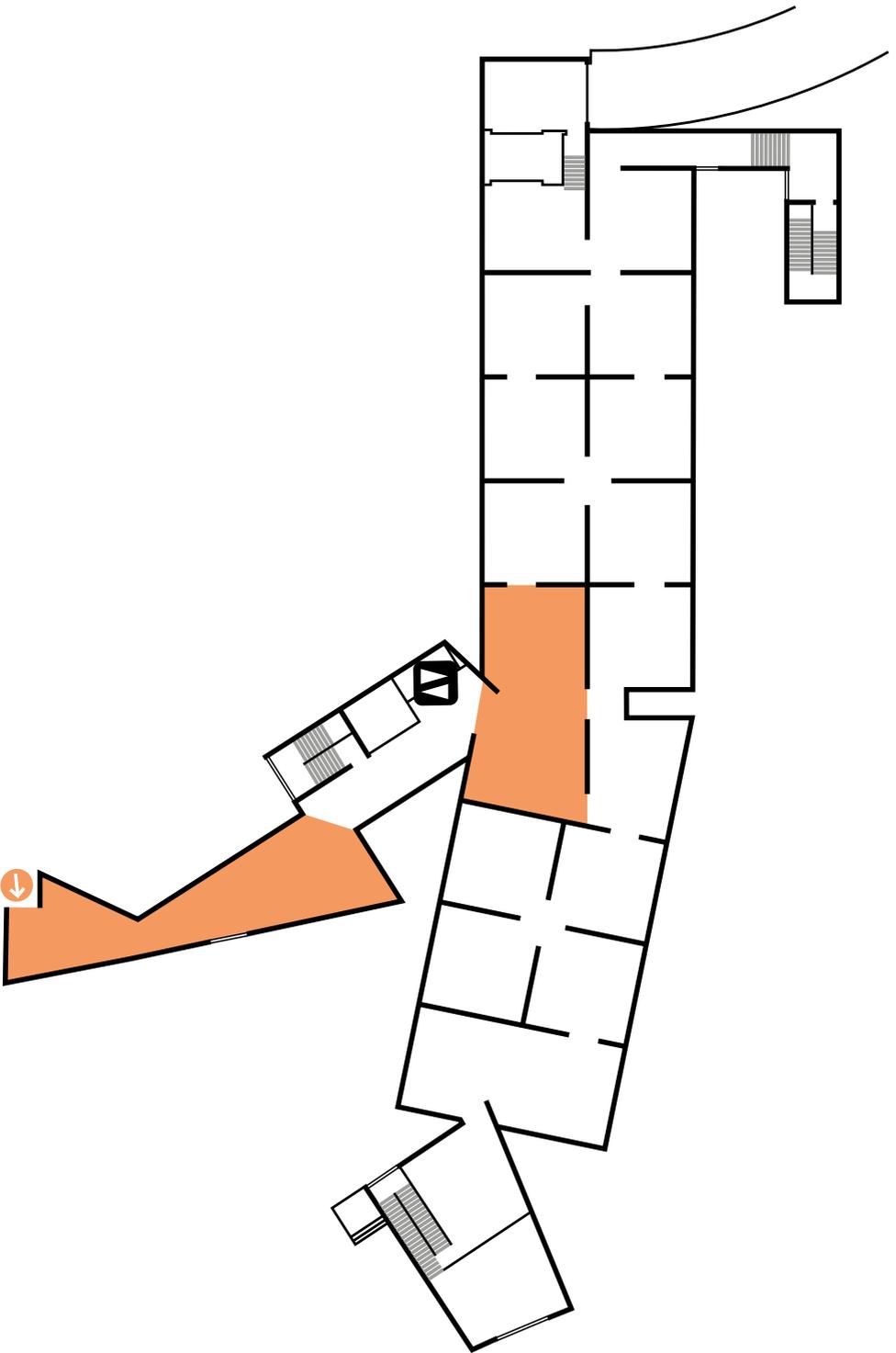
Galerias do Museu Museum Galleries

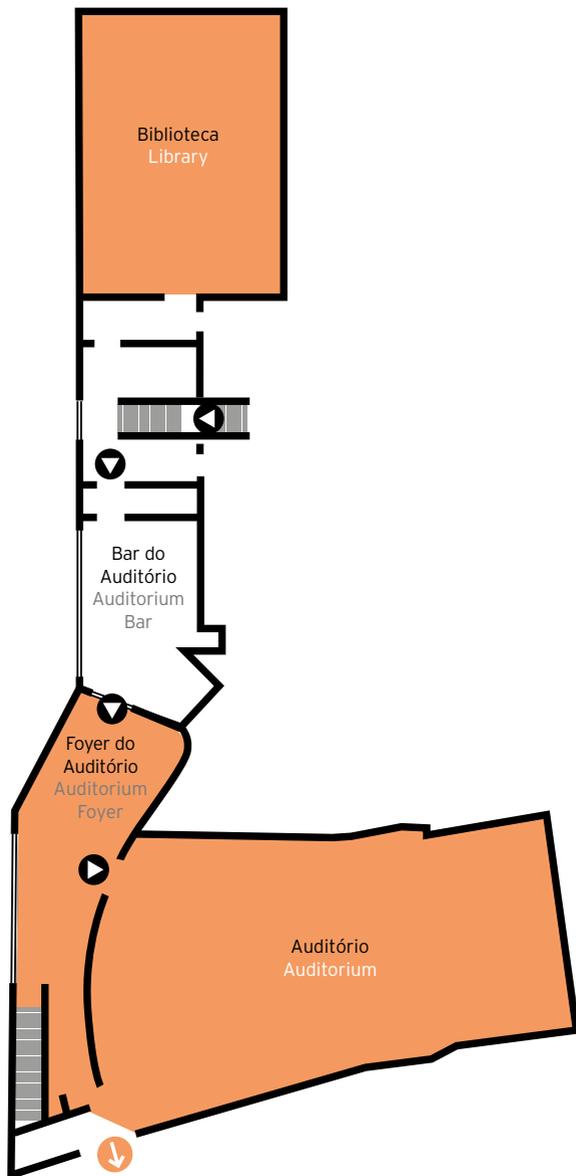
* Contém nudez integral. Includes full nudity.

** Contém nudez integral, cenas sexualmente explícitas, sangue, fluidos e mutilação. Includes full nudity, explicit sexual scenes, blood, body fluids and mutilation.

*** Contém luzes intermitentes. Desaconselhado a pessoas com fotossensibilidade. Includes flashing lights. Not suitable for audiences with photosensitivity.







Entrada para a Garagem
Entrance to the Garage

DARIUS DOLATYARI-DOLATDOUST **I BECOME THEM**

*Um fresco em feltro: uma paisagem
fantasiada, uma janela aberta.
Quatro performers.
Um casaco. Um avental. Uma saia. Uma luva.
Uma máscara.
Encontros.*

I BECOME THEM é um espetáculo onde o figurino é inatamente coreográfico. As suas cores, texturas e formas oferecem partituras para cada intérprete. Ao vestirem estes figurinos, aceitam ser contaminados, experimentando transformações para que novos corpos surjam. Ao longo de um trabalho em torno do corpo, da voz e da linguagem, as paisagens começam a mover-se. Surge um diálogo - criaturas que aparecem, corpos que desaparecem. Tornam-se numa paisagem em movimento: esbatendo as fronteiras da humanidade. Este espetáculo é um ritual para recordar, sentir e dançar com o passado.

*Sentido sentir
Sentir Sentido
Sentimentos de feltro
Uma boca cheia de feltro*

Coreografia **Darius Dolatyari-Dolatdoust**
Performers **Maureen Béguin-Morin, Marcos Nacar, Darius Dolatyari-Dolatdoust, Mallaury Scala**

Darius Dolatyari-Dolatdoust é um artista, performer, coreógrafo e designer, nascido em 1994 em França, com raízes iranianas, polacas e alemãs. A sua abordagem gira em torno do fabrico de trajes, que considera, por sua vez, como um espaço de transformação e hibridação, na sua capacidade de modificar a nossa relação com o corpo, a dança e a linguagem. O vestuário torna-se assim um meio de questionar a nossa identidade, seja recordando as origens iranianas, seja criando trajes inspirados em obras persas do Louvre, seja desconstruindo a nossa relação dominante

com outras espécies, seja imaginando criaturas híbridas na fronteira entre humanos e animais. Desenvolveu também projetos têxteis cenográficos para cenários de filmes ou espetáculos coreográficos, mas também para as suas obras de arte visuais. O têxtil torna-se um material onde a sua pesquisa gráfica e ilustrativa finalmente se materializa. Em 2025, estará em residência na Villa Kujoyama.

Apoio

MAIS PRODIGES
FRANÇA

KAREL VAN LAERE

CONTACT

A performance *CONTACT* tem a sua origem em momentos de toque no espaço público. Durante uma residência de dois anos na Rijksakademie van Beeldende Kunsten em Amesterdão, trabalhando com artistas de uma comunidade internacional, tomei consciência das diferentes normas e costumes em torno do contacto físico, incluindo o meu próprio, e comecei a manter um diário de momentos de toque. Todos os apertos de mão, toques acidentais com o cotovelo e as mais pequenas interações eram anotados no final do dia. O diário tornou-se uma partitura para uma performance ao vivo.

– Karel van Laere

Realizado e concebido por **Karel van Laere**
Editor de texto e narrador de voz **Ash Kilmartin**
Apoio técnico e design robótico **Mauricio van der Maesen de Sombreff**
Fotografia e vídeo **Alex Heuvink**
Contact é possível graças a **Het Amarte Fonds, Rijksakademie van Beeldende Kunsten, Stichting Largo**

KAREL VAN LAERE

SLOW

SLOW é uma instalação em vídeo resultante de uma performance que mostra o corpo humano indefeso rodeado de máquinas, sistemas, etc.

Karel reparou que em Taiwan, tal como noutros países asiáticos, existem regras rígidas segundo as quais as pessoas vivem (têm de viver) e que estas regras não podem ser facilmente postas de lado.

Lentamente, mas imperturbável, o rapaz do vídeo segue o seu próprio caminho. Utilizando um cabo invisível, arrasta-se a um ritmo regular através da paisagem urbana de Taiwan, marcando de uma forma divertida e encantadora o contraste entre o percurso do corpo humano indefeso e o mundo agitado que o rodeia.

Realização, Performance **Karel van Laere**
Ano de produção: **2013**
Diretor de Produção **李少哲**
Produtor de linha **凌璋隆**
Assistência **莊皓巖 & Trixie Ballesteros**
Agradecimentos **莊陳保, 鄭敬儒, 葉柏青, 孫斌立, 劉錫權, 陳愷璜, 榮工工程公司 關渡施工所, 台北市北投區關渡宮, 台北市關渡國小**

Karel van Laere (Haia, 1988) é um artista de performance e vídeo que vive e trabalha em Amesterdão, nos Países Baixos. Estudou na Academia de Teatro de Maastricht, nos Países Baixos, na Taipei National University of the Arts (TNUA), em Taiwan, e na Rijksakademie van Beeldende Kunsten, em Amesterdão. O seu trabalho ganhou vários prémios, tais como o Piket Kunstprijs; o Prémio do Público para a Melhor Curta-Metragem do Festival de Cinedans; o Primeiro Prémio do Taoyuan Contemporary Art Awards, Taiwan e o Prémio Best of ITS On Tour. O seu trabalho foi projetado e exibido nos Países Baixos, Coreia do Sul, Japão, Bélgica, Taiwan, Suíça, Rússia, Irlanda, Dinamarca, China, França, Roménia, EUA, Canadá, Suécia, Reino Unido e Áustria.

<https://karelvanlaere.com/>

JEFTA VAN DINTHER

DARK FIELD ANALYSIS

DARK FIELD ANALYSIS apela à intensidade de estar vivo, colocando-nos a nós, humanos, em relação com outras formas de vida. Na performance, o orgânico mistura-se com o sintético, o humano com o animal e o material com o etéreo. Uma longa conversa desenrola-se entre dois homens nus sobre um tapete; o tema do sangue corre como um fio vermelho ao longo da performance. O nome *Dark Field Analysis* vem de um ramo da medicina alternativa que utiliza a microscopia de campo escuro para diagnosticar doenças corporais sistémicas com origem no sangue. Mas a conversa entre os dois homens engloba mais do que factos médicos. Aqui, o sangue serve de analogia para olhar para dentro e para fora: para dentro e para além de nós próprios.

– Jefta van Dinter

Coreografia e direção **Jefta van Dinter**
Criação e interpretação **Juan Pablo Cámara,**
Roger Sala Reyner
Desenho de luz **Minna Tiikkainen**
Cenografia **Cristina Nyffeler**
Desenho de som **David Kiers**
Canções baseadas em *The Slow Drug* e *Horses in My Dreams*, de **PJ Harvey**
Texto **Jefta van Dinter, Juan Pablo Cámara,**
Roger Sala Reyner
Coreógrafo assistente **Thiago Granato**
Aconselhamento artístico **Gabriel Smeets,**
Felix Bethge
Coordenação técnica **Bennert Vancottem**
Direção de arte **Martin Falck**
Gestão **Emelie Bergbohm**
Direção de produção **Annie Schachtel**
Distribuição **Key Performance**
Administração **Interim kultur AB**
Coprodução **Tanz im August / HAU Hebbel am**
Ufer Berlin, Tanzquartier Vienna, Sadler's Wells
London, PACT Zollverein Essen, Centro Cultural
Vila Flor Guimarães, Dansens Hus Oslo
Financiamento **Conselho Nacional de Cultura**

da Suécia, Município de Estocolmo e Fundo de Coprodução para a Dança do **NATIONALES PERFORMANCE NETZ (NPN)**, que é financiado pelo **Comissário do Governo Federal para a Cultura e os Média** com base numa decisão do **Parlamento Federal da Alemanha**
Apio **O Espaço do Tempo, BUDA, Riksteatern**

Jefta van Dinter é coreógrafo e bailarino. O seu trabalho caracteriza-se por uma abordagem física rigorosa e implica sempre uma investigação encenada do movimento em si. O corpo em movimento está no cerne da sua prática, mas pertence a e interage com um corpo de luz, som e matérias. A questão do que significa ser humano é central no seu trabalho, sendo analisada por meio da sua relação com a sociedade, comunidade e ambiente, mas também com outras formas de vida como a animal e outras entidades não humanas.

<https://jeftavandinter.com/>

Apio



nationales
performance
netz



Die Beauftragte der Bundesregierung
für Kultur und Medien

ESTANIS COMELLA

SXT - COURTYARD ROSEBUSH

SXT (Source by Transkription) é um projeto de longa duração no qual convergem a escrita e a produção sonora, utilizando a performance ao vivo como formato a partir do qual se incorporam imagens no espaço arquitetónico sob a forma de atmosferas que se desvanecem. Nesta performance, o espaço do Museu de Serralves será o lugar onde os materiais de um arquivo próprio, textos e imagens, lançam as bases sobre as quais improvisar ao vivo, tornando-se assim parâmetros coreográficos.

Estanis Comella (Lleida, 1985)

Os elementos que constituem a sua prática têm um comportamento maleável. Procura materiais leves que se adaptem ao contacto constante com a obra. Partindo de uma sensibilidade escultórica latente, imagens, textos, sons e desenhos perdem informação em cada tentativa de configurar atmosferas onde estas materialidades se sobrepõem para gerar amplitude. É nesta dificuldade de nomear uma certa temperatura subjacente a toda esta prática que se estabelece um campo poético que se sobrepõe a formatos como publicações, espaços ou performances ao vivo.

Apoio



Acción Cultural Española (AC/E)
Programa para la Internacionalización
de la Cultura Española (PICE)

TOBIAS KOCH

ROOM SERVICE

As performances site-specific de Tobias Koch articulam as várias ligações auditivas invisíveis entre espaço e som. As composições digitais de Koch são amplificadas pelas frequências acústicas circundantes ou pela matéria arquitetónica, desenvolvendo-se numa série de instrumentações ao vivo do artista. Ao longo da performance, a percepção do público desloca-se entre a audição e a compreensão das dimensões espaciais tangíveis do espaço ao longo da performance. Tirando partido de técnicas de improvisação, o artista coloca uma tónica musical no ambiente físico em que a performance tem lugar. A sua abordagem resulta numa partitura que está nitidamente ancorada numa experiência visceral intensificada, partilhada por Koch e pelo público.

Tobias Koch (1986, Basileia) é um compositor e artista sonoro sediado em Basileia e Turim, que trabalha com performance, artes visuais, cinema e música. Expôs e apresentou o seu trabalho no Unsound Festival, na Biennale Son, no Leopold Museum Vienna, no Palazzo delle Esposizioni Roma, no Trauma Bar Berlin, no Istituto Svizzero Roma, no Centre Culturel Suisse Paris e em várias instituições por toda a Europa. Anteriormente, compôs trabalhos apresentados no MoMA de Nova Iorque, documenta 14, Frieze Art Fair, Tate Modern, Centre Pompidou, Volksbühne Berlin, entre outros. O seu design de som e composições musicais foram apresentados em vários filmes premiados no Festival de Cinema de Cannes, no Festival de Cinema de Locarno, no IFFR de Roterdão, na Berlinale e no Festival Internacional de Cinema de Toronto. A sua mais recente partitura para a longa-metragem *Drii Winter* (A Piece Of Sky) foi galardoada com o Prémio Georges Delerue e o filme foi a candidatura oficial da Suíça aos Óscares de 2023.

<https://tobiaskoch.ch/>

Apoio

swiss arts council

prohelvetia

DAVI PONTES & WALLACE FERREIRA **REPERTÓRIO Nº2**

REPERTÓRIO N.2 é a segunda peça de uma trilogia coreográfica dos artistas brasileiros Davi Pontes e Wallace Ferreira que explora a dança como uma forma de autodefesa. Usando técnicas não convencionais e informais, eles abraçam uma linhagem alternativa e underground de práticas de autodefesa. Através das suas coreografias, fazem uma reflexão crítica do mundo que habitam, envolvendo-se num processo coreográfico que atravessa a imaginação e a intuição. O seu objetivo é libertarem-se de constrangimentos implícitos e explícitos, confrontando as estruturas coloniais, raciais e cisheteropatriarcais inerentes ao pensamento ocidental.

Conceção e performance **Davi Pontes,**
Wallace Ferreira

Encomenda de **Frestas - Trienal de Artes 2020/21 - O rio é uma serpente** com curadoria de **Beatriz Lemos, Diane Lima e Thiago de Paula Souza**

Davi Pontes é um artista, coreógrafo e investigador que trabalha na intersecção entre as artes visuais e a coreografia. Estudou arte na Universidade Federal Fluminense no Rio de Janeiro, Brasil, bem como na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo no Porto, Portugal. Pontes tem vindo a apresentar os seus trabalhos internacionalmente em galerias de arte e festivais de artes performativas desde 2016. Em 2022, juntamente com Wallace Ferreira, ganhou o Prémio Jovens Coreógrafos [8:tension] no Festival ImPulsTanz em Viena. A sua prática explora as interseções entre coreografia, racialidade e autodefesa, procurando envolver o público de forma crítica, provocando uma reflexão sobre a produção da história.

Wallace Ferreira

Artista com formação em dança e artes visuais. Estudou na Escola Livre de Artes da Maré (ELĂ) e na Artes Visuais do Parque Lage, no Brasil. Em 2022, ao lado de Davi Pontes, Ferreira ganhou o Prémio Jovens Coreógrafos [8:tension] no Festival ImPulsTanz, em Viena. Os seus trabalhos têm sido exibidos internacionalmente em galerias de arte, bem como em festivais de artes performativas. As criações de Ferreira desafiam as convenções e exploram as intersecções do movimento, da performance, do voguing e do imaginário visual.

JOÃO DOS SANTOS MARTINS COM JOANA SÁ, ANA JOTTA E FILIPE PEREIRA ESTÁ VISTO

Um bailarino que não sabia dançar, um cantor que não sabia cantar, um ator que não sabia atuar, um escritor que não sabia escrever, um pintor que não sabia pintar. Um bailarino que cantava, um escritor que pintava, um ator que escrevia. Era preciso saber-se fazer para saber-se ser. Enquanto as linhas ténues que separam o ser do fazer, o eu da acção, a coisa do sujeito, são confusas, há algo que permanece inapto e disfuncional. Um monstro que não cumpre a função.

– João dos Santos Martins, 2022

Está Visto (2023) é resultado de uma colaboração de João dos Santos Martins com a pianista e compositora Joana Sá e a artista visual Ana Jotta. Partindo do ciclo de canções *Dichterliebe [Amor(es) de poeta]*, compostas por Robert Schumann em 1840, a peça apresenta-se em formato de recital, procurando com que as práticas de canto, piano e dança interajam e transbordem umas nas outras. As canções de estilo romântico, com poesia de Heinrich Heine, falam de amor não correspondido. Esta falta de reciprocidade reproduz-se em ideias coreográficas que desarticulam a linguagem, fracionando o gesto com as letras das canções, o som e a escuta num corpo em atravessamento.

Interpretação João dos Santos Martins, Joana Sá (piano e outros)

Música Dichterliebe, op. 48, de Robert Schumann, (des)arranjos de Joana Sá
Figurino Jotta & Faísca

Luzes e assistência de cena Filipe Pereira

Apoio vocal Rui Baeta

Letras em LGP Cláudia Dias

Apoio gestual Miguel Ralha

Coprodução Associação Parasita, BoCa – Bienal of Contemporary Arts, Vaga

Residências Casa da Dança, DeVIR CAPa, Espaço Parasita, Estúdios Víctor Córdon, Forum Dança, Goethe-Institut Lisboa, Grand Studio/Materiais Diversos, Salão Nobre da Escola Superior de Educação de Lisboa, Teatro da Voz, Vila Sul Goethe Institut Salvador. Produção e administração Sofia Lopes e Lysandra Domingues | Associação Parasita, Association Mimai
Design gráfico Nuno Maio
Agradecimentos Ana Rita Teodoro, Ana Bigotte Vieira, Connor Scott, Joana Mário, Joana Nascimento, Luís José Martins, Luísa Saraiva, Rita Natálio, Sabine Macher, Sebastian Felten
A Parasita é uma estrutura financiada pela República Portuguesa - Ministério da Cultura/ Direcção-Geral das Artes no biénio 2023-2024.

João dos Santos Martins é artista. Estudou na Escola Superior de Dança (Lisboa), na P.A.R.T.S. (Bruxelas), no e.x.er.c.e. (Montpellier) e no Instituto para Estudos Aplicados ao Teatro (Giessen). O seu trabalho, geralmente desenvolvido em processos colaborativos, abrange várias formas que focam a dança, seja através da coreografia, da exposição ou da edição. Essas formas são atravessadas por questões que concernem genealogias da história da dança, processos de transmissão, a relação entre prática e discurso, e paradoxos sobre a atividade de dançar. Juntamente com Ana Bigotte Vieira, criou um dispositivo para o mapeamento colectivo da dança em Portugal – *Para Uma Timeline a Haver*. Dançou em trabalhos de Ana Rita Teodoro, Eszter Salamon, Moriah Evans, Xavier Le Roy, Jérôme Bel, Manuel Pelmuş, Rui Horta, entre outros. Fundou a Parasita em 2014, uma cooperativa de artistas de que faz parte.

XANA NOVAIS

#ELECTRA VAI AO #TECHNO

#ELECTRA VAI AO #TECHNO tem como proposta um corpo a levar choques elétricos produzidos pela vibração de uma bateria desmembrada. A sua pele dança, não por vontade própria, mas porque o som a faz mover. O corpo move-se pelos estímulos, assume-se disponível para os movimentos de resposta ao que o rodeiam e às palavras de Electra que aqui invoca. Que danças surgem na busca involuntária de um corpo que volta a mover-se depois da paragem total no mundo durante uma situação pandémica? Que gestos surgem na busca voluntária da revisitação de um clássico? É uma manifestação feita por uma pessoa só, onde o corpo é sacrificado entrando em estado de transe em prol da sua ânsia de renascer a partir de situações dolorosas, de músculos em tensão e, finalmente, em prol da sua arte.

#ELECTRA VAI AO #TECHNO mostra que o corpo de uma bailarina tem memória - mas também esquece, que um corpo se cansa da falta de estímulos sociais e, principalmente, que pode morrer se não tiver disciplina e controlo sobre si próprio.

Criação e interpretação **Xana Novais**
Assistência de Encenação e Interpretação **Maurícia Barreira Neves**
Interpretação e Sonoplastia **João Valinho**
Interpretação e Eletrónica **Diogo Melo**
Participação Especial **Gracinda Rebolo, João Leonardo Guerra (2023), Amanda Bailey e Tatiana Rocha**
DJ Set DJ **Saliva**
Desenho e Operação de Luz **Júlia de Luca**
Desenho e Operação de Som **José Afonso Monteiro**
Produção Executiva **Tatiana Rocha**
Assistência de Produção: **Francisca Cardoso**
Fotografia (2023) **Mário Negrão**
Vídeo Integral (2023): **Aura de Fonseca**
Vídeo, Fotografia e Participação Especial (2024) **Rita Soeiro**

Apoio à Residência **CAMPUS - Paulo Cunha e Silva**
Produção **V.E.R.M.E.**

Coprodução **Fundação de Serralves**
Gestão **Org.I.A. - Organização, Investigação e Artes**
Patrocínio **MEDIKA Tecnologia Medicinal e Via Doze Espinho**

Apoio: **Self-Mistake (Câmara Municipal de Lisboa - Cultura e República Portuguesa - Cultura I DGARTES - Direção-Geral das Artes) e Fundação Calouste Gulbenkian**

Projeto financiado pela República Portuguesa - Cultura I DGARTES - Direção-Geral das Artes
Agradecimentos **André de Campos, Ângela Cardoso, Márcio Silva, Mafalda Jacinto, Tânia Guerreiro e Alexandra Carvalho**

Xana Novais nasceu no Porto, em 1995, e desenvolve o seu trabalho em direção artística transdisciplinar e como performer. Formou-se no ano de 2013 em Teatro pela Escola Profissional Balletatro do Porto e, posteriormente, fez o curso de dança FAICC, na Companhia Instável. Destaca no seu percurso a participação como intérprete em peças de Pedro Zegre Penim, Teatro Praga, Hugo Calhim Cristovão e Joana Von Mayer Trindade, João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira, Estrutura e Carlota Canto Lagido.

Desde de 2017 colabora regularmente com a artista Florentina Holzinger nas obras *APOLLON, A DIVINE COMEDY, OPHELIA'S GOT TALENT* e *SANCTA*. Em 2019, protagonizou Dolores na série *DOLORES* de Tota Alves (RTPlay). Criou e assina a autoria dos espetáculos (*VS*) *POPCORN, Un Teknè, (G) Dysphoria APP*, cocriou juntamente com o fotógrafo Diogo Bessa *One Way To Pandora* e estreou em 2022 a obra *Como Matar Mulheres Nuas* no Teatro Municipal do Porto. No seu trabalho de criação, investigação e performance usa o seu próprio corpo para explorar e questionar os limites da obra de arte, e as fronteiras entre ficção e realidade.

<https://cargocollective.com/xananovais>

EVE STANTON

WAYS TO MEET, WAYS TO COME APART

Uma workshop performance
Liderada por **Eve Stainton**, com o apoio de **Jose Funnell**

Medium: Uma workshop realizada ao vivo com um grupo de participantes, 2 trabalhos em vídeo, tubos de andaime de 2 metros e t-shirts impressas.

Vídeos: Registos originais realizados por Paradox Period de performances ao vivo de *Impact Driver*, Tramway (UK) 2023, editados por **Eve Stainton** para este contexto. Performers participantes: **Tink Flaherty, Imani Mason Jordan, Romeo Roman Gatt, Leisha Thomas, Mica Levi**. Figurinos: **Ella Bought**.

Conceito e realização: **Eve Stainton**
Com o apoio do artista: **Jose Funnell**
Produtor: **Michael Kitchin**
Participantes: **Marga Alfeirão, Luís Guerra, Raúl Maia, Jorgette Mendes, Ana Rita Xavier, Sara Santervás Sánchez**

Interessado nos modos de nos (re)unirmos, e, a seguir, partirmos, este evento envolve um grupo de participantes que se encontram através da forma de um workshop transformado em performance. Trabalhando com práticas de movimento retiradas dos projetos de performance anteriores de Eve Stainton, *Impact Driver* e *Rubby Sucky Forge*, Eve e os participantes irão pesquisar formas de encontrarem e manter a ligação através de tubagens de andaimes, peso corporal, observação, bem como formas de se separarem, através de práticas de descoberta lenta, separação accidental, partida deliberada.

Eve Stainton desenvolve um trabalho artístico guiado pelo interesse na política da presença queer não codificável e nas suas intersecções com raça e classe. Cria mundos performativos multidisciplinares que contêm práticas de

movimento, colagem digital e aço soldado, bem como outras forças invisíveis como as ondas, a imaginação e o drama. Estas formas trabalham em conjunto para criarem ecologias ao vivo que são discordantes, multicamadas e psicadélicas. Stainton interessa-se pela produção de estados e texturas conflituosos para dismantelar o pensamento essencialista, com a intenção de criar compreensões mais expansivas da identidade lésbica, não-género/variante e percepções do “real”.

Apresentações notáveis incluem: *Impact Driver* e *Dykegeist* para o ICA (2023, 2021), programa de performance da Bienal de Veneza com Florence Peake (2019), Nottingham Contemporary (UK), Crac Occitanie (FR), Sadler’s Wells Lilian Baylis (UK), La Becque (SE), LCMF (UK), CCA Glasgow (UK), Tangente (CA). Entre outros artistas com quem trabalhou contam-se Anthea Hamilton, Tai Shani, Last Yearz Interesting Negro, Sonia Boyce, Malik Nashad Sharpe, Holly Blakey, Goldfrapp, uma digressão internacional da Compagnie ECO, Vivienne Westwood, Claire Barrow, Art School, Molly Goddard, desfiles para as Semanas da Moda de Londres, Xangai e Paris.

VIOLA YIP

BULBBLE

BULBBLE é um instrumento eletrônico DIY que permite criar música a partir do continuum pulso-timbre de sons acústicos gerados a partir de interruptores elétricos, das relações eletromagnéticas entre interruptores, bem como pela incorporação de pulsos de interruptores e lâmpadas, Viola explora, igualmente, as relações sónicas, eletricidade, luzes e sons enquanto vibrações. Usando botões, botões rotativos, interruptores e lâmpadas, Viola explora. Igualmente, as relações sónicas e performativas que daqui emergem. *BULBBLE* recebeu uma Menção Honrosa do Prémio Giga Hertz do ZKM (Centro de Artes e Media) em Karlsruhe em 2021.

Viola Yip é uma compositora experimental, performer, improvisadora, artista sonora e construtora de instrumentos. Tem-se interessado em criar novos instrumentos e obras sonoras DIY na intersecção da composição, performance e improvisação, explorando várias relações entre materialidade, espaço e os nossos corpos musicais na música. Os seus instrumentos e performances sonoras têm sido apresentados em festivais de música e locais como Issue Project Room (Nova Iorque), The New School (Nova Iorque), Look and Listen Festival (Nova Iorque), Center for New Music (São Francisco), Constellation (Chicago), Cycling '74 Expo, Hong Kong Arts Center (Hong Kong), Sonic Arts Research Center na Queen's University Belfast, University of Huddersfield (Reino Unido), QO-2 Bruxelas, Moers Festival, Center for Art and Media (ZKM) Karlsruhe, Academy of Media Arts em Colónia, A L'arme! Festival Berlim, Heroines of Sound Berlim, Academia das Artes (AdK) em Berlim, Festival für Immaterielle Kunst Hamburgo e Pinakothek der Moderne em Munique, entre outros.

Apoio



Instituto Confúcio
Universidade do Minho
米尼奧大學孔子學院

DARIUS DOLATYARI-DOLATDOUST **I BECOME THEM**

A felted fresco: a fantasized landscape, an open window.

Four performers.

A coat. An apron. A skirt. A glove. A mask. Meetings.

I BECOME THEM is a performance where the costume is innately choreographic. Its colors, textures and shapes offer scores for each performer. By wearing these costumes, they accept being contaminated, experimenting transformations for new bodies to emerge. Throughout a work around body, voice and language, the landscapes start moving. A dialogue arises - Creatures appearing, bodies disappearing. They become a moving landscape: blurring the borders of humanity. This performance is a ritual to remember, feel and dance with the past.

Felt feel

Feel Felt

Felted feelings

A mouth full of felt

Choreography **Darius Dolatyari-Dolatdoust**
Performers **Maureen Béguin-Morin, Marcos Nacar, Darius Dolatyari-Dolatdoust, Mallaury Scala**

Darius Dolatyari-Dolatdoust is an artist, performer, choreographer, and designer, born in 1994 in France with Iranian, Polish and German roots. His approach revolves around the manufacture of costumes, which he considers in turn as a space of transformation and hybridization, in its capacity to modify our relationship to the body, dance, and language. Clothing thus becomes a means of questioning one's identity, whether by recalling one's Iranian origins, creating costumes inspired by Persian works from the Louvre, deconstructing our dominant relationship to other species, and by imagining hybrid creatures on the border

of humans and animals. He also developed textile scenographic projects for film sets or choreographic shows but also for his visual artwork. Textile becomes a material where its graphic and illustrative research finally materializes. He will be in residency at la Villa Kujoyama in 2025.

Support

MAIS
FRANCA

KAREL VAN LAERE

CONTACT

The performance *CONTACT* has its origin in moments of touch in the public space. During a two-year residency at the Rijksakademie van Beeldende Kunsten in Amsterdam, working alongside artists from an international community, I became very aware of different norms and customs around physical contact, including my own, and started to keep a diary of moments of touch. All handshakes, accidental elbow bumps and the tiniest of interactions were noted down at the end of the day. The diary became a score for a live performance.

– Karel van Laere

Performed and conceived by **Karel van Laere**
Text editor and voice narrator **Ash Kilmartin**
Technical support and robotic design **Mauricio van der Maesen de Sombreff**
Pictures and video **Alex Heuvink**
Contact is made possible by **Het Amarte Fonds, Rijksakademie van Beeldende Kunsten, Stichting Largo**

KAREL VAN LAERE

SLOW

SLOW is a video installation resulting from a performance that shows the defenseless human body surrounded by machines, systems, etc.

Karel noticed that in Taiwan, like in other Asian countries, there are strict rules people (have to) live by, and that these rules cannot be easily put aside.

Slowly but imperturbable the boy in the video follows his own path. Using an invisible electric tackle, he drags himself in an even tempo through the Taiwanese urban landscape, marking in an entertaining and wondrous way the contrast between the route of the defenseless human body and the hectic world surrounding it.

Director, Performer **Karel van Laere**
Year of production **2013**
Director of Production **李少哲**
Line Producer **凌瑋隆**
Assistance **莊皓巖 & Trixie Ballesteros**
Special thanks **莊陳保, 鄭敬儒, 葉柏青, 孫斌立, 劉錫權, 陳愷瑛, 榮工工程公司 關渡施工所, 台北市北投區關渡宮, 台北市關渡國小**

Karel van Laere (The Hague, 1988) is a performance and video artist living and working in Amsterdam, the Netherlands. He studied at the Theatre Academy in Maastricht, the Netherlands, at the Taipei National University of the Arts (TNUA), Taiwan and at The Rijksakademie van Beeldende Kunsten in Amsterdam. His work won several prizes, such as The Piket Kunstprijs; the Audience Award for Best Short Film of the Cinedans Festival; the First Prize of the Taoyuan Contemporary Art Awards, Taiwan and the the Best of ITS On Tour Award. His work has been screened and exhibited in the Netherlands, South Korea, Japan, Belgium, Taiwan, Switzerland, Russia, Ireland, Denmark, China, France, Romania, the USA, Canada, Sweden, the UK, and Austria.

<https://karelvanlaere.com/>

JEFTA VAN DINTHER DARK FIELD ANALYSIS

DARK FIELD ANALYSIS calls upon the intensity of being alive by placing us humans in relation to other forms of life. In the performance, organic blends with synthetic, human with animal and material with ethereal. A long conversation unfolds between two naked men on a carpet; the topic of blood running as a red thread throughout the performance. *Dark Field Analysis* draws its name from a branch of alternative medicine that uses dark field microscopy to diagnose systemic bodily conditions originating in the blood. But the conversation between the two men encompasses more than medical facts. Here, blood serves as an analogy for looking inwards and outwards: into and beyond our selves.

– Jefta van Dinther

Choreography and direction **Jefta van Dinther**
Created and performed by **Juan Pablo Cámara,**
Roger Sala Reyner

Lighting design **Minna Tiikkainen**

Scenography **Cristina Nyffeler**

Sound design **David Kiers**

Songs based on the tracks *The Slow Drug* and
Horses in my Dreams by PJ Harvey

Text **Jefta van Dinther, Juan Pablo Camara,**
Roger Sala Reyner

Assistant choreographer **Thiago Granato**

Artistic advice: **Gabriel Smeets, Felix Bethge**

Technical coordination **Bennert Vancottem**

Art direction **Martin Falck**

Manager: **Emelie Bergbohm**

Production management **Annie Schachtel**

Distribution **Key Performance**

Administration **Interim kultur AB**

Co-production **Tanz im August / HAU Hebbel am**
Ufer Berlin, Tanzquartier Vienna, Sadler's Wells
London, PACT Zollverein Essen, Centro Cultural
Vila Flor Guimarães, Dansens Hus Oslo

Funded by the **Swedish Arts Council,**
City of Stockholm, and the **NATIONALES**

PERFORMANCE NETZ (NPN) Co-production
Fund for Dance, which is funded by the **Federal**
Government Commissioner for Culture and
the Media on the basis of a decision by the
German Bundestag
Supported by **O Espaço do Tempo Montemor-o-**
Novo, BUDA Kortrijk and **The Swedish National**
Touring Theatre

Jefta van Dinther is a choreographer and dancer. His work is characterized by a rigorous physical approach and always implies a staged research of movement itself. The moving body is the core of his practice, but belongs to, and interacts with, a body of light, sound and materials. Central in his work is the question of what it means to be human, examined through its relation to society, community and environment but also to other forms of life such as the animal and other non-human entities.

<https://jeftavandinther.com/>

Support



**nationales
performance
netz**



Die Beauftragte der Bundesregierung
für Kultur und Medien

ESTANIS COMELLA

SXT - COURTYARD ROSEBUSH

SXT (Source by Transcription) It is a long-term project in which writing and sound production converge, using live performance as the format from which to incorporate images in the architectural space in the form of fading atmospheres. In this performance, the space of Serralves Museum will be the place where materials from Comella's own archive, texts and images, lay the foundations upon which to improvise live, thereby becoming choreographic parameters.

Estanis Comella (Lleida, 1985)

The elements that constitute his practice have a malleable behavior. He seeks for light materials that can adapt to constant contact with the work. Based on a latent sculptural sensibility, images, texts, sound and drawings lose information in each attempt to configure atmospheres where these materialities overlap to generate amplitude. It is in this difficulty of naming a certain underlying temperature within this entire practice where a poetic field is established that overwhelms formats such as publications, spaces or live performances.

Support



Acción Cultural Española (AC/E)
Programa para la Internacionalización
de la Cultura Española (PICE)

TOBIAS KOCH

ROOM SERVICE

Tobias Koch's site-specific performances articulate the varying unseen auditory connections between space and sound. Koch's digitally rendered compositions become amplified by the surrounding acoustic frequencies or architectural matter and are developed in a series of live instrumentations by the artist. The audience's perception shifts between listening and understanding the tangible spatial dimensions of the space throughout the performance's duration. Leveraging improvisational techniques, he brings a musical focus to the physical environment in which the performance takes place. His approach results in a score that is distinctly anchored in a heightened visceral experience, shared by both Koch and the audience.

Tobias Koch (1986, Basel) is a Basel and Turin-based composer and sound artist working across performance, visual arts, film, and music. He exhibited and performed his work at Unsound Festival, Biennale Son, Leopold Museum Vienna, Palazzo delle Esposizioni Roma, Trauma Bar Berlin, Istituto Svizzero Roma, Centre Culturel Suisse Paris, and various institutions throughout Europe. He previously scored works presented at MoMA New York, documenta 14, Frieze Art Fair, Tate Modern, Centre Pompidou, Volksbühne Berlin, and others. His sound design and music compositions were featured in several award-winning films at Film Festival Cannes, Locarno Film Festival, IFFR Rotterdam, Berlinale, and Toronto International Film Festival. His latest score for the feature film *Drii Winter* (A Piece Of Sky) was awarded the Georges Delerue Award, and the film was Switzerland's official submission to the Academy Awards 2023.

<https://tobiaskoch.ch/>

Support

swiss arts council

prohelvetia

DAVI PONTES & WALLACE FERREIRA **REPERTÓRIO Nº2**

REPERTÓRIO N.2 is the second piece of a choreographic trilogy by the Brazilian artists Davi Pontes and Wallace Ferreira exploring dance as a form of self-defense. Using unconventional and informal techniques, they embrace an alternative, underground lineage of self-defense practices. Through their choreographies, they undertake a critical reflection of the world they inhabit, engaging in a choreographic process that traverses imagination and intuition. Their aim is to liberate themselves from both implicit and explicit constraints, confronting the colonial, racial, and cisheteropatriarchal frameworks inherent in Western thought.

Concept and performance **Davi Pontes,**
Wallace Ferreira

Work commissioned by **Frestas - Trienal de Artes 2020/21 - O rio é uma serpente** curated by **Beatriz Lemos, Diane Lima and Thiago de Paula Souza**

Davi Pontes

Davi Pontes is an artist, choreographer, and researcher working at the intersection of visual arts and choreography. He studied art at the Universidade Federal Fluminense in Rio de Janeiro, Brazil, as well as at the Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo in Porto, Portugal. Pontes has been presenting his works internationally in art galleries and performing arts festivals since 2016. In 2022, alongside Wallace Ferreira, he won the Young Choreographers' Award [8:tension] at the ImPulsTanz Festival in Vienna. His practice explores the intersections of choreography, raciality, and self-defense, seeking to engage audiences critically by prompting reflection on the production of history.

Wallace Ferreira

Artist with a background in dance and visual arts. They studied at the Escola Livre de Artes da Maré (ELĂ) and the Artes Visuais do Parque Lage in Brazil. In 2022, alongside Davi Pontes, Ferreira won the Young Choreographers' Award [8:tension] at the ImPulsTanz Festival in Vienna. Their works have been shown internationally in art galleries as well as at performing arts festivals. Ferreira's creations defy conventions and explore the intersections of movement, performance, voguing, and visual imagery.

JOÃO DOS SANTOS MARTINS WITH JOANA SÁ, ANA JOTTA E FILIPE PEREIRA ESTÁ VISTO

A dancer who couldn't dance, a singer who couldn't sing, an actor who couldn't act, a writer who couldn't write, a painter who couldn't paint. A dancer who sang, a writer who painted, an actor who wrote. You had to know how to do in order to know how to be. As long as the fine lines that separate being from doing, the self from action, the thing from the subject, are blurred, there is something that remains inept and dysfunctional. A monster that doesn't fulfil its function.

– João dos Santos Martins, 2022

Está Visto (2023) is the result of a collaboration between João dos Santos Martins, pianist and composer Joana Sá and visual artist Ana Jotta. Based on the song cycle *Dichterliebe* [Poet's Love], composed by Robert Schumann in 1840, the piece is presented in recital format, seeking to make the practices of singing, piano and dance interact and overflow into each other. The romantic-style songs, with poetry by Heinrich Heine, speak of unrequited love. This lack of reciprocity is reproduced in choreographic ideas that disarticulate language, fractioning the gesture with the lyrics, sound and listening in a crossing body.

Performance João dos Santos Martins, Joana Sá (piano and others)

Music *Dichterliebe*, op. 48, by Robert

Schumann, (un)arranged by Joana Sá

Costume design Jotta & Faisca

Lighting and stage assistance Filipe Pereira

Vocal support Rui Baeta

LGP lyrics Cláudia Dias

Sign support Miguel Ralha

Co-production Associação Parasita, BoCa -

Bienal of Contemporary Arts, Vaga

Residencies Casa da Dança, DeVIR CAPa,

Espaço Parasita, Estúdios Victor Córdon,

Forum Dança, Goethe-Institut Lisboa, Grand Studio/Materiais Diversos, Salão Nobre da Escola Superior de Educação de Lisboa, Teatro da Voz, Vila Sul Goethe Institut Salvador.

Production and administration Sofia Lopes and Lysandra Domingues | Associação Parasita, Association Mimai

Graphic design Nuno Maio

Acknowledgements Ana Rita Teodoro, Ana

Bigotte Vieira, Connor Scott, Joana Mário,

Joana Nascimento, Luís José Martins,

Luísa Saraiva, Rita Natálio, Sabine Macher,

Sebastian Felten

Parasita is a structure funded by the Portuguese Republic - Ministry of Culture/ Directorate-General for the Arts for the 2023-2024 biennium.

João dos Santos Martins is an artist. He studied at Escola Superior de Dança (Lisbon), at P.A.R.T.S. (Brussels), at the e.x.er.c.e. (Montpellier) and at the Institute for Applied Theater Studies (Giessen). His work, usually developed in collaborative processes, encompasses various forms that focus on dance, whether through choreography, exhibition or editing. These forms are crossed by questions that concern genealogies of dance history, transmission processes, the relationship between practice and discourse, and paradoxes about the activity of dancing. Together with Ana Bigotte Vieira, he created a device for the collective mapping of dance in Portugal – *Para Uma Timeline a Haver*. He danced in works by Ana Rita Teodoro, Eszter Salamon, Moriah Evans, Xavier Le Roy, Jérôme Bel, Manuel Pelmuș, Rui Horta, among others. He founded Parasita in 2014, an artist cooperative he is a part of.

XANA NOVAIS

#ELECTRA VAI AO #TECHNO

#ELECTRA VAI AO #TECHNO proposes a body receiving electric shocks produced by the vibrations of a dismembered drum set. Her skin dances, not of its own accord, but because the sound makes it move. The body moves through stimuli, assuming itself available for movements in response to what surrounds it and to the words invoked by Electra. What dances arise in the involuntary search for a body that starts moving again after the world came to a halt during a pandemic situation? What gestures arise in the voluntary search for revisiting a classic? It is a manifestation made by a single person, where the body is sacrificed by entering a state of trance for the sake of her desire to be reborn from painful situations, from muscles in tension and, finally, for the sake of her art.

#ELECTRA VAI AO #TECHNO shows that a dancer's body has memory - but it also forgets that a body gets tired of the lack of social stimuli and, above all, that it can die if it doesn't have discipline and control over itself.

Xana Novais was born in Porto in 1995 and develops her work in transdisciplinary artistic direction and as a performer. She graduated in Theatre from the Balletteatro Professional School in Porto in 2013 and later took the FAICC dance course at Companhia Instável. Her career highlights include participating as a performer in plays by Pedro Zegre Penim, Teatro Praga, Hugo Calhim Cristovão and Joana Von Mayer Trindade, João Pedro Vale and Nuno Alexandre Ferreira, Estrutura and Carlota Canto Lagido.

Since 2017, she has collaborated regularly with the artist Florentina Holzinger on the works *APOLLON, A DIVINE COMEDY, OPHELIA GOT TALENT* and *SANCTA*. In 2019, she starred as Dolores in the series *DOLORES* by Tota Alves (RTPlay). She created and is the author of the shows (*VS*) *POPCORN, Un*

Teknè, (G) Dysphoria APP, co-created *One Way To Pandora* with photographer Diogo Bessa and premiered *Como Matar Mulheres Nuas* at the Teatro Municipal do Porto in 2022. In her creative, research and performance work, she uses her own body to explore and question the limits of the work of art, and the boundaries between fiction and reality.

<https://cargocollective.com/xananovais>

EVE STANTON

WAYS TO MEET, WAYS TO COME APART

A workshop performance

Led by **Eve Stainton**, supported by **Jose Funnell**

Medium: A live workshop with a group of participants, 2 looped video works, 2metre scaffolding poles, printed t-shirts.

Video works: Original footage by Paradax Period of live performance *Impact Driver*, Tramway (UK) 2023, edited by **Eve Stainton** for this context. Featuring performers: **Tink Flaherty, Imani Mason Jordan, Romeo Roman Gatt, Leisha Thomas, Mica Levi**. Costume **Ella Bought**.

Concept and delivery: **Eve Stainton**

Supporting Artist: **Jose Funnell**

Producer: **Michael Kitchin**

Participants: **Marga Alfeirão, Luís Guerra, Raúl Maia, Jorgette Mendes, Ana Rita Xavier, Sara Santervás Sánchez**

Interested in modes of coming together, and then leaving, this event involves a group of participants meeting through the form of a workshop blurred into performance. Working with movement practices drawn from Eve's previous performance projects, *Impact Driver*, and *Rubby Sucky Forge*, Eve and participants will research ways to find and maintain connection through steel scaffolding bars, body weight, watching, as well as ways to come apart, through practices of slow uncovering, accidental separation, deliberate leaving.

Eve Stainton is an artist interested in the politics of uncodeable queer presence and its intersections with race and class. They create multi-disciplinary performance worlds that hold movement practices, digital collage, and welded steel, and other invisible forces like waves, imagination and drama. These forms work together to create live ecologies that are discordant, multi-layered and psychedelic. Stainton is interested in the production of

conflicting states and textures to unravel essentialist thinking, with intent to create more expansive understandings of the lesbian identity, non-gender/variance, and perceptions of the 'real'.

Notable presentations include: *Impact Driver* and *Dykegeist* for ICA (2023, 2021), Venice Biennale performance programme with Florence Peake (2019), Nottingham Contemporary (UK), Crac Occitanie (FR), Sadler's Wells Lilian Baylis (UK), La Becque (SE), LCMF (UK), CCA Glasgow (UK), Tangente (CA). Work for other artists include Anthea Hamilton, Tai Shani, Last Yearz Interesting Negro, Sonia Boyce, Malik Nashad Sharpe, Holly Blakey, Goldfrapp, Compagnie ECO international tour, Vivienne Westwood, Claire Barrow, Art School, Molly Goddard, walking for London/Shanghai/Paris Fashion Weeks.

VIOLA YIP

BULBBLE

BULBBLE is an electronic DIY instrument that allows music created from the pulse-timbre continuum of acoustic sounds that are generated from relays, the electromagnetic relationships between relays as well as incorporating pulses of relays, electricity, lights and sounds as vibrations. Using buttons, knobs, relays, and lightbulbs, Viola also explores the sonic and performative relationships that thus emerge.

BULBBLE received an Honorary Mention from Giga Hertz Preis from ZKM (Center for Arts and Media) in Karlsruhe in 2021.

Viola Yip is an experimental composer, performer, improviser, sound artist and instrument builder. She has been interested in creating new self-built instruments and sound works in the intersection of composition, performance and improvisation, exploring various relationships between materiality, space and our musical bodies in music.

Her instruments and sound performances have been presented in music festivals and venues such as Issue Project Room (NYC), The New School (NYC), Look and Listen Festival (NYC), Center for New Music (SF), Constellation (Chicago), Cycling '74 Expo, Hong Kong Arts Center (HK), Sonic Arts Research Center at Queen's University Belfast, University of Huddersfield (UK), QO-2 Brussels, Moers Festival, Center for Art and Media (ZKM) Karlsruhe, Academy of Media Arts Cologne, A L'arme! Festival Berlin, Heroines of Sound Berlin, Academy of Arts (AdK) in Berlin, Festival für Immaterielle Kunst Hamburg, and Pinakothek der Moderne in Munich, among others.

<https://www.violayip.com/>

Support



Instituto Confúcio
Universidade do Minho
米尼奧大学孔子学院

O MUSEU COMO PERFORMANCE THE MUSEUM AS PERFORMANCE

Curadoria Curated by: Cristina Grande, Pedro Rocha,
Ricardo Nicolau

Produção Production: Ana Conde, Cristina Grande,
Pedro Rocha

Coordenação técnica e Som Technical coordination
and Sound: Carlos Moreira

Vídeo e Cinema Video and Cinema: Carla Pinto

Agradecimentos Thanks to: Ágora – Cultura e
Desporto E.M, Casa da Música, Celine Marie Rocha

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode
adquirir também uma recordação da sua visita.

A reference in the field of design, where you can
purchase a souvenir as a reminder of your visit.

loja.online@serralves.pt

www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes
da leitura.

The perfect place for all book lovers.

BAR

No Bar do Auditório de Serralves pode fazer uma
pausa acompanhada de um almoço rápido ou um
lanche, logo após a visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a
break, with a quick lunch or snack, after visiting
the exhibitions.

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se
contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma
das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to
be captivated by the environment associated with one
of the most beautiful views over the Park.

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou
para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city
or rest during a visit to the Park.

INFORMAÇÕES E HORÁRIOS: INFORMATIONS AND OPENING HOURS:

www.serralves.pt/visitar-serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

Linha geral General lines:

(+351) 808 200 543

(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional.

Calls to the national landline network.

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Apoio Institucional
Institutional Support



O Museu como Performance conta com o apoio de
The Museum as Performance is supported by the

Morgan Phoa Family

Mecenas do Museu
Museum Sponsor



OUT 2024